ORAÇÃO PROFERIDA PELO ECONOMISTA NÍLSON HOLANDA QUANDO DO RECEBIMENTO DO TÍTULO DE SÓCIO HONORÁRIO DO INSTITUTO DO CEARÁ

Constitui para mim motivo de grande honra e satisfação receber hoje o título de Sócio Honorário do Instituto do Ceará.

Todos sabem que, sob a égide desta Instituição quase centenária, se têm reunido sucessivas gerações de estudiosos e pesquisadores, que constituíram no passado, como representam agora, o que há de mais expressivo nas tradições culturais e científicas do nosso Estado.

O Ceará inteiro tem acompanhado o trabalho pertinaz e silencioso que aqui se desenvolve para desvendar os mistérios de nossa conturbada história, conhecer os desafios de nossa geografia ingrata e difundir e preservar as conquistas de nossa ciência e de nossa literatura.

Trabalho de paciência beneditina, de dedicação comovente, de honestidade incomparável. Feito à míngua dos recursos os mais elementares, mas fundamentado em um idealismo quase perdulário. E por isso mesmo admirável e generoso, a par de produtivo e fecundo.

Em uma nação desacostumada a cultuar a memória dos seus fastos e dos seus antepassados, aqui se tem realizado notável esforço para reunir e preservar um acervo de documentos da maior significação para a pesquisa histórica, geográfica, antropológica e cultural do Ceará e do Nordeste.

Toda a vida literária e econômica do nosso Estado foi intensa e profundamente analisada mercê dos ambiciosos projetos de pesquisa que, seguidamente e por muitos anos, foram executados pelos membros do Instituto. E hoje, os resultados de muitas dessas pesquisas já se encontram à disposição dos estudiosos, publicados que foram em sucessivas monografias e periódicos exemplares da Revista do Instituto, que documentam a intensa atividade editorial da Instituição.

Nesta era de descontinuidade — para usar a expressão de Drucker — e em um País como o nosso, cujas instituições quase sempre são efêmeras e instáveis, o Instituto do Ceará constitui um singular exemplo de solidez, permanência e continuidade.

Fundado em 1887, tem mantido por 90 anos uma liderança inconteste entre os diferentes órgãos que, nesse longo período, procuraram aglutinar os esforços da intelectualidade cearense.

Nesses 90 anos apenas 5 Presidentes dirigiram os destinos da Entidade — flagrante evidência da desambição e do idealismo de quantos aqui têm labutado. De Paulino Nogueira, primeiro Presidente aos dois Thomaz Pompeus, o tio e o sobrinho; do Barão de Studart, ao seu ilustre descendente, Gen. Carlos Studart Filho, atual Presidente desta Casa, aqui se forjou uma linhagem pura e retilínea de nobres da ciência e devotos da cultura. Dentre estes, permito-me render minhas homenagens àquele que constitui o nume tutelar desta Casa — o Barão de Studart, de quem diz Raimundo Girão que foi um "indormido operário do cultivo das belas letras e das ciências" e "sabia do conceito de William James: o melhor que podemos fazer da vida é consumi-la em alguma coisa mais duradoura que ela mesma".

As 134 publicações que nos foram deixadas pelo Barão de Studart, de acordo com o catálogo organizado por Raimundo Girão, atestam bem a magnitude e a profundidade do trabalho realizado pelo grande pesquisador.

Por todas essas razões, qualquer brasileiro — e particularmente um filho do Ceará — teria de sentir-se profundamente orgulhoso em receber o título que hoje me é conferido.

E nem me empana a alegria deste momento a consciência de que essa elevada honraria é desproporcional aos meus escassos méritos pessoais — tão generosamente aumentados nas palavras amigas do Professor Francisco Alves de Andrade.

Porque esta homenagem não é apenas minha e quero partilhá-la, fraternalmente, com todos aqueles que integram a equipe da Instituição que tenho a honra de dirigir — o Banco do Nordeste do Brasil.

E, na realidade, sinto-me ainda mais feliz e perfeitamente à vontade nesta reunião por verificar que o Banco do Nordeste e o Instituto do

Ceará, a despeito de suas diferenças de idade e campos de especialização, têm profundas afinidades intelectuais e mantêm longa tradição de cooperação e respeito mútuos.

Com efeito, não somos banqueiros comuns, do tipo daqueles exorcizados por John Steinbeck em sua imortal obra "Grapes of Wrath" (Vinhas da Ira), nem da natureza desses de quem dizia Jorge de Lima:

"bufarinheiros e banqueiros
sei fabricar distâncias
para vos recuar."

É certo que estamos voltados para a economia — uma ciência difícil e cruel, que Carlyle chegou a classificar de sinistra ("dismal science").

Mas não nos alcança a facécia de Oscar Wilde para quem o economista seria aquele que conhece o preço de tudo e o valor de quase nada.

Voltadas para a luta constante contra o subdesenvolvimento regional, aprendemos a conhecer o valor do dinheiro, mas descobrimos também que o dinheiro não é tudo e que talvez nem represente o fator mais importante no processo de desenvolvimento econômico.

Essa filosofia de ação foi definida de forma bastante precisa por um antigo membro deste Instituto e nosso ex-Presidente, de saudosa memória — Dr. Raul Barbosa — que assim se expressou, em março de 1957: "Um dos vícios mais comuns do planejamento econômico é a superestimação do capital real, representado por máquinas e instalações, em relação ao capital incorpóreo e intangível, constituído pelos conhecimentos técnicos, tradição, espírito de empresa e pela formação cultural em que repousa o desenvolvimento econômico. A compreensão simplista do problema costuma dar maior relevo aos aspectos visíveis do desenvolvimento, negligenciando, não raro, os investimentos em pesquisa, treinamento, etc., tendentes à formação do capital imaterial, que constitui a parcela mais importante da grandeza econômica de qualquer nação, da mesma forma que, em um **iceberg**, a parte submersa excede de muito a porção visível — para usar a expressiva imagem do Professor Singer (*).

(*) Escolas Superiores, Centros de Investigação Científica — Aula proferida pelo Dr. Raul Barbosa na abertura do ano letivo de 1957 na Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará — março de 1957 — BNB.

Por isso, em sua estratégia operacional, o Banco do Nordeste, desde cedo, deu ênfase a dois elementos básicos: a pesquisa sobre a realidade econômica regional e a formação de recursos humanos.

A partir de sua criação, vem o Banco mantendo um Departamento de Estudos Econômicos, antigo Escritório Técnico de Estudos Econômicos (ETENE) que reuniu a primeira — e ainda hoje a mais importante — equipe de especialistas dedicada, em tempo integral, à pesquisa sistemática dos problemas econômicos regionais. O trabalho do BNB nesse campo é bastante conhecido de todos os presentes, inclusive porque logo no início de suas atividades contou o ETENE com a colaboração de técnicos como Francisco Alves de Andrade e Guimarães Duque, renomados membros deste Instituto.

A par das pesquisas de natureza estritamente econômica, o BNB tem procurado estimular os estudos de natureza científica e tecnológica, voltados para a solução de problemas regionais e realizados em colaboração com Universidades e Institutos de Pesquisa do Nordeste.

O nosso Fundo de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, constituído por recursos apartados dos lucros do Banco, tem prestado assistência financeira — a título de doação — a numerosos projetos de pesquisa, com os seguintes objetivos, dentre outros:

a) melhoria da forragicultura e nutrição animal;

b) bioquímica e tecnologia de pescado;

c) possibilidades de exportação de frutas regionais;

d) desenvolvimento da cultura do sorgo;

e) difusão do uso de fertilizantes;

f) melhoramento de técnicas de produção de culturas oleaginosas do Nordeste;

g) viabilização da operação integrada de pesquisa, produção e comercialização de sementes melhoradas;

h) aproveitamento de óleos essenciais para usos industriais.

Em todos esses projetos temos procurado dar ênfase à pesquisa aplicada, com vistas ao melhor aproveitamento dos recursos naturais, à identificação de novas oportunidades de investimento e à definição de roteiros de ação e políticas de desenvolvimento mais compatíveis com as características peculiares da terra e do povo do Nordeste.

Por isso, temos concentrado esforços na pesquisa tecnológica relacionada com o setor agrícola, dado que a atividade rural constitui ainda o segmento mais importante da economia nordestina, e a melhoria tecnológica dessa atividade tem um impacto relativamente maior e um efeito mais difuso sobre toda a estrutura econômica da Região.

Paralelamente, no campo do treinamento, o BNB tem sido uma das Instituições brasileiras que mais têm realizado investimentos em programas de formação de recursos humanos, não apenas para aperfeiçoamento de seus quadros técnicos e profissionais como também em benefício de organizações públicas e privadas.

Somente no ano passado 2.739 treinandos estiveram envolvidos em cursos e estágios promovidos ou co-patrocinados pelo BNB, nas áreas de Economia, Administração, Agronomia, Técnicas Bancária e de Computação.

Temos promovido ou co-patrocinado, de forma regular e sistemática, diversos cursos de Pós-graduação, alguns deles de caráter pioneiro, tais como os cursos de Desenvolvimento Rural Integrado, Planejamento Econômico Regional, Elaboração e Avaliação de Projetos, Planejamento de Recursos Humanos e Planejamento de Recursos Naturais, através do CETREDE — Centro de Treinamento em Desenvolvimento Regional, órgão cuja manutenção, nos últimos anos, tem resultado do esforço conjunto do Banco do Nordeste, da Universidade Federal do Ceará, da SUDENE e do Ministério do Interior.

Temos também colaborado com os Cursos de Mestrado em Economia Rural e Mestrado em Recursos Hídricos da Universidade Federal do Ceará e com os cursos de Mestrado em Economia das Universidades Federais de Pernambuco, Ceará e Bahia.

No fundo, nada mais temos feito que buscar condições para realizar aquele Humanismo Telúrico de que nos fala Francisco Alves de Andrade,

através do esforço por assegurar ao homem da região melhores condições de desenvolvimento e bem-estar, com base no seu potencial de recursos materiais e humanos (*).

Poderíamos dizer que a ação do Banco se tem baseado no seguinte tripé de recursos:

a) conhecimento e informação
b) pessoal capacitado
c) recursos financeiros

Todos os três elementos são importantes e de todos eles ainda sofremos aguda escassez, mas o segredo do sucesso do Banco, frente aos complexos e difíceis desafios que a Instituição tem enfrentado desde a sua criação, há 25 anos atrás, repousa justamente no esforço desenvolvido em relação aos dois primeiros — pesquisa e treinamento.

Por isso podemos seguramente afirmar que nós outros do BNB temos mais afinidades com os pesquisadores deste Instituto do que com os gnomos de Zurique, como têm sido chamados os supostamente diabólicos manipuladores de moedas dos bancos suíços.

Sem dúvida, dividimos bem nossas tarefas. Aqui, vamos encontrar intelectuais voltados predominantemente para a pesquisa de um passado ainda obscuro. Lá, temos especialistas empenhados em perscrutar os caminhos de um futuro cada vez mais incerto.

Mas, no final, ficamos todos irmanados pelas mesmas angústias e perplexidades que nos inspiram os tumultos do presente.

Presente, passado e futuro, todavia, não são mais que convenções ou critérios de análise que cada vez mais se confundem e se interpenetram.

De um lado, como diz Manuel Bernardes — "no relógio de areia, a ampulheta debaixo guarda o que vai perdendo a de cima, para tornar a medir a outra hora; porém, no tempo medido o presente se vaza no passado, sem nunca tornar a ser presente. (in "Nova Floresta").

De outro, como afirma Alvin Toffler, sofremos todos hoje a ameaça do **choque do futuro,** qual seja, "a desorientação e a vertigem causadas pela chegada prematura do futuro". (in "Future Shock").

(*) Andrade, Francisco Alves, **Humanismo Telúrico do Nordeste,** pág. 44.

Por isso, neste ano de 1977, quando coincidentemente o Instituto do Ceará comemora 9 décadas de existência e o Banco do Nordeste festeja o seu Jubileu de Prata, quero ressaltar a identidade de propósitos, objetivos e ideais de ambas as Instituições, cumprimentando o Instituto pelas suas realizações do passado e expressando a minha segurança de que o seu futuro constituirá uma projeção crescente da trajetória luminosa que foi seguida até agora.

Finalmente, uma palavra de agradecimento pessoal à Diretoria do Instituto e aos seus membros pela honraria com que fui distinguido, e, em particular, ao Dr. Francisco Alves de Andrade, pelas brilhantes palavras que pronunciou, eivadas certamente de uma generosidade excessiva e que somente me não confundem, porque sei inspiradas por amizade profunda e sincera.

Em realidade, recebo o título de Sócio Honorário deste Instituto com sentimentos contraditórios e ambivalentes — de orgulho e, ao mesmo tempo, de humildade; de satisfação pela deferência e, em paralelo, de apreensão pela responsabilidade; como se não fora apenas uma doação que aceito, mas também e principalmente um compromisso que assumo.

Em meio a essa confusão de sentimentos, todavia, há uma certeza: a profunda gratidão que lhes desejo expressar — pelo título, pela solenidade, pela saudação, pela presença de todos.

Dizia Alexandre Pope: "Sempre que tropeço com um pobre agradecido deduzo logo que, a trocar-se a sua sorte, haveria de ser generoso".

E eu neste momento não sou mais que um pobre agradecido, que promete ser generoso, se e quando a sorte o permitir.

Fortaleza, 1o. de julho de 1977.